

This article is up from considerations and problems arising in the course of Master of Arts, UFSM, during the project, supervised, developed with learners of high school. The study aims reflect about the possible links between the picture film and the visual arts teaching as well as their chances of integration in educational proposals for action, taken with the average level learners. This research sought investigate some propositions of cinema and its potential as part of teaching reading, based on the relevance of this motto for the different contexts in which they fit the students in the present. Thus it is crucial to problematize what is culturally consumed by the students, passing required by films which are interested in general, the film from Hollywood to promote the learners with a critical eye-reflective about the universe of images they are immersed.

Keywords: Teaching of visual arts, picture film, visual arts.

Imagem cinematográfica e artes visuais: possibilidades de entrecruzamentos no ensino das artes visuais

Aline Nunes da
ROSA

Marilda Oliveira de
OLIVEIRA

O presente artigo constitui-se a partir de considerações e problematizações surgidas no curso de Licenciatura em Artes Visuais, da UFSM, durante a realização do projeto de estágio supervisionado, desenvolvido com educandos do Ensino Médio. O estudo busca refletir a respeito das possíveis inter-relações entre a imagem cinematográfica e o ensino das artes visuais, bem como de suas possibilidades de inserção em propostas de ação pedagógica, realizadas com educandos do nível médio. Esta pesquisa buscou investigar algumas posições do cinema e suas potencialidades de leitura no âmbito pedagógico, sustentada na relevância deste mote para os diferentes contextos em que estão inseridos os educandos na atualidade. Deste modo é fundamental que se problematize o que é consumido culturalmente pelos alunos, passando obrigatoriamente pelos filmes aos quais se interessam, em geral, o cinema Hollywoodiano, a fim de fomentar junto aos educandos um olhar crítico-reflexivo a respeito do universo imagético em que estão imersos.

Palavras-chave: Ensino das artes visuais, imagem cinematográfica, artes visuais.

Sobre os usos do cinema na sala de aula

O presente artigo configura-se a partir de alguns apontamentos e resultados obtidos durante duas pesquisas realizadas anteriormente, no ano de 2007, durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais. As pesquisas corresponderam ao trabalho monográfico e ao projeto desenvolvido no estágio supervisionado e tiveram como principal objeto de estudo as possíveis inter-relações entre o ensino das artes visuais e o cinema, bem como a relevância de se trabalhar de maneira crítica e reflexiva acerca das imagens e visualidades produzidas nestas áreas (artes visuais e cinema), no contexto educacional de nível médio.

Compreendemos a leitura de imagem como um dos pontos primordiais e mais significativos do ensino das artes visuais, seja esta de obras de arte conceituadas, de imagens do cotidiano, seja de imagens estáticas ou em movimento. Considerando-se a imagem em movimento e, tendo como eixo do Ensino da Arte a reflexão crítica acerca das imagens consumidas por nós e o que é veiculado comumente em nossa sociedade, passa-se necessariamente pelo cinema como objeto de estudo.

Tendo como objetivo fundamental na prática pedagógica o estímulo à reflexão crítica dos educandos acerca do mundo em que vivem e utilizando como ponte para esta reflexão o olhar sobre imagens de seu cotidiano e sobre temas de seu interesse, abriu-se um leque de possibilidades ao utilizar o cinema como mote de uma proposta de ação pedagógica, desenvolvida durante a pesquisa monográfica e também no projeto de estágio, ambos pensados para serem trabalhados entre alunos de Ensino Médio.

Muito se fala sobre a relevância e influência das imagens publicitárias ou imagens veiculadas na mídia televisiva, já que estas são absorvidas de forma acrítica pelo público (seja ele adolescente, infantil ou adulto). Sabemos que são raros os exemplos de programas televisivos que convidam o público à reflexão, que trabalham conceitos, que estimulam o pensamento crítico. Por sua vez, nós, enquanto espectadores, aceitamos e pagamos por canais que pouco contribuem para o amadurecimento intelectual, para a construção das identidades dos sujeitos, que somente absorvem passivamente as imagens, sem

interpretá-las de modo pessoal a fim de significá-las e ressignificá-las. A este respeito, Tourinho (2007) nos fala

Contextos públicos ou privados são dominados por imagens fixas e em movimento, de maneira que somos capturados por elas constantemente, algumas vezes sem nos darmos conta, sem pensarmos sobre elas. De tanto ver, paramos de olhar!... (p.401).

Mas, e quanto ao cinema e a imagem em movimento? Será que o educando, o mesmo que não tem por hábito refletir sobre as imagens que o cercam e que, por sua vez, não é estimulado para tal competência, age de maneira diferenciada frente às imagens cinematográficas? É provável que a resposta seja negativa, considerando-se que os filmes são consumidos prioritariamente como uma fonte de entretenimento gratuito ou como prazer desprezioso. A. Martins(2007), aponta que

Em geral, esse é o modo como o grande público relaciona-se com as narrativas cinematográficas: sem refletir sobre elas, não se dão conta de como essas imagens penetram seus cotidianos, seu comportamento, contribuindo de modo decisivo para a constituição de suas identidades. (p.123).

É pertinente ainda ressaltar que os adolescentes dificilmente são indagados/ instigados a buscar filmes com conteúdos diferentes, que abordem outros gêneros (além das comédias norte-americanas produzidas especificamente para esta faixa etária), parecendo fugir daquilo que é novo, diferente ou considerado estranho. Leite (2004) sustenta que o excesso de informação e a massificação do que é visto provocam uma banalização, uma dispersão de focos que enfraquecem o olhar e favorecem a cegueira, conseqüentemente, empobrecendo a compreensão crítica. Destarte, podemos afirmar que o público adolescente tampouco está sendo, ou simplesmente não foi, preparado para compreender criticamente o que há por trás, ou melhor, o que está contido nos filmes aos quais assistem.

Os adolescentes são acometidos por bombardeios de imagens, de programas e propagandas produzidos especificamente para esta faixa etária, isto não fortuitamente, pois se sabe que estes são os principais consumidores das novas tecnologias

(programas de computador, jogos de videogame, celulares, entre inúmeros outros), e demais bens de consumo (refrigerantes, roupas,...). Com isso, se ganha em termos de quantidade (vendas, produções em larga escala, consumo desenfreado...), no entanto perdendo-se em termos de conteúdo, de qualidade. Quanto menos questionamentos gerarem estes produtos, menos instigantes forem os programas de tv produzidos para os adolescentes, mais estar-se-á contribuindo para a formação de jovens apáticos, condicionados, que não respondam de modo crítico às informações recebidas, que não saibam e não estejam dispostos a romper com estes padrões intelectuais, culturais, há muito estabelecidos. Ainda, segundo Leite (2004)

Quando assistimos a um filme, primeiramente *vemos* imagens – o significado vem depois. A *apropriação* dos símbolos culturais só ocorre quando o contemplador se coloca como pessoa dialogal diante deles e, assim, há ressonância. A significação é uma ação transformadora e singular que aciona não apenas a cognição, mas também a afetividade. O sentido é o que nos faz sentir e nos afeta. Se não tocar, não afeta, não reverbera. A este processo dialogal com a imagem chamamos de *contemplação* ativa. (p. 99).

Neste caso, podemos trazer estas questões para o âmbito do cinema direcionado para o contexto adolescente, em que são produzidos filmes de puro entretenimento (refere-se aqui principalmente aos filmes produzidos por Hollywood), que exaltam apenas a comicidade, em temas rasos, superficiais e banais, que subestimam a capacidade cognitiva dos jovens. Sobre isto, podemos lembrar Koff (2002), que corrobora no mesmo sentido lembrando que vivemos uma crise da significação, evidenciado na raridade de obras que nos levam a pensar. “Definitivamente, com poucas exceções, o cinema de reflexão deu lugar aos filmes de puro entretenimento” (p.22).

Não raro, professores de diferentes disciplinas vêm utilizando o cinema como um recurso a mais em suas aulas. Na realidade, o trabalho com o cinema em sala de aula não se configura propriamente como algo novo no espaço escolar, porém, pode-se dizer que em sua quase totalidade, essas exibições são feitas de maneira descontextualizada e desconexa, com a primordial função de suprir a falta de professores, para preencher

carga horária que está faltando ou simplesmente para manter os alunos ocupados, entretidos e, preferencialmente, calados.

Como vemos, esta prática freqüentemente é desprovida de mediações por parte do professor e, quase invariavelmente, o filme mostrado não apresenta relação alguma com o conteúdo ou com a disciplina em questão. Por outro lado, mesmo que o filme exibido em sala de aula ofereça possibilidades de inter-relações entre os conteúdos da disciplina, o professor geralmente não é capaz de perceber, posto que também é fruto de uma cultura que não pensa criticamente a respeito das imagens que consumiu, por conseguinte, fazendo pouco esforço para unir o que está sendo proposto pelo filme ao que está sendo trabalhado na escola. Nestes casos, educandos e educadores furtam-se da leitura de imagem promovida pelo filme, tornando ainda mais insignificante para o educando estas ações.

Visto que, por meio da imagem cinematográfica, pode-se fazer uso não somente de assuntos pertinentes a debates, ou seja, utilizar o cinema como um instrumento para a abordagem de temas históricos ou biográficos, mas sim, abordar a criação áudio-visual do ponto de vista das particularidades e aspectos que carrega enquanto linguagem autônoma. Neste sentido caberia ser associada à criação visual, já que ambas podem ser consideradas possibilidades de representar e expressar de modo singular opiniões e olhares acerca de temas recorrentes na sociedade, no mundo. A. Martins (2007), ressalta a utilização do cinema como um instrumento sendo algo raso e pouco complexo, posto que não extrai desta linguagem suas verdadeiras potencialidades:

Vale ressaltar que a concepção instrumental orienta a utilização de obras filmicas, e outras, com ênfase apenas na “história contada”, ou no conteúdo mostrado. Assim, um filme sobre a vida de Pablo Picasso interessaria a professores e alunos de artes visuais, pelas informações biográficas do artista, em detrimento da abordagem da obra como um todo, em sua complexidade de relações entre as dimensões da linguagem, da técnica, da estética e do conteúdo, todas intrinsecamente ligadas, e mutuamente determinadas. (p. 8).

Do mesmo modo, além de não ser refletido do ponto de

vista do conteúdo dos roteiros, o cinema tampouco está sendo pensado sob seu aspecto estético.

Podemos afirmar que o cineasta, tal qual o artista, imprime suas concepções, suas sensações e visões de mundo, porém, materializando-as, sob a forma de um filme. Conforme Flusser (*apud* A.Martins, 2007, p.116)

É como se esses profissionais emprestassem seu ângulo de visão para o público que observa suas imagens. Além do posicionamento particular daquele olho sobre as cenas, está a própria concepção de mundo do sujeito que olha e registra as cenas, re(a) presentando-as. Em última instância, as imagens que o público vê nas fotos e nas telas de cinema não representa a realidade, mas o ponto de vista do fotógrafo e do cineasta a respeito daquela realidade, que o público, em, geral assume como se fosse seu.

O cenário artístico atual passa não somente por um momento de grande inserção de meios até então relegados à prática exclusiva de cineastas, como também casos em que os artistas se apropriam de imagens originalmente do cinema, tornando-as possibilidades cada vez mais freqüentes em suas criações artísticas. Portanto, não apenas através da vídeo-arte, que é uma linguagem onde percebemos mais explicitamente possíveis entrecruzamentos nas duas áreas, é possível estabelecer relações com o cinema, tendo em vista a emergente parcela de artistas que vêm se utilizando direta ou indiretamente de imagens cinematográficas. Podemos tomar como exemplo os artistas Alfredo Nicolaiewsky, Cindy Sherman e Éric de Rondempierre, que apropriam-se, transformam e ressignificam as imagens por meio de diferentes processos.

A. Martins (2007), lembra o uso da imagem cinematográfica como mais uma alternativa de inserção da cultura visual no âmbito do ensino, ampliando assim o leque de possibilidades de estudo proporcionadas por estas imagens:

Tendo em vista que, efetivamente, a linguagem cinematográfica constitui uma forma de expressão importante na formação das visões de mundo da atualidade, no âmbito dos estudos voltados para o ensino de artes visuais e da Cultura Visual, as narrativas cinematográficas não podem ser relegadas ao segundo plano. Mas é preciso avançar além da concepção recorrente sobre seus possí-

veis usos instrumentais, na direção de se enfrentar questões conceituais, estéticas, formais e técnicas relativas ao uni(multi)verso das imagens em movimento. (p. 122).

Por conseguinte, no campo da análise estética, poderíamos estabelecer relações entre características de determinados cineastas e artistas visuais, por exemplo, o que serviria como base para a compreensão de aspectos formais de uma obra de arte e ou de um filme, proporcionando uma análise ainda mais complexa das imagens.

Inserindo as imagens no contexto escolar: um novo olhar sobre o cinema

Através dos filmes nos é permitido entrar em contato com diferentes culturas, diferentes contextos históricos em que, ao nos projetarmos nos personagens, posicionamo-nos criticamente, sendo quase inevitável refletirmos sobre questões morais, ideológicas, políticas e culturais, entre outras que envolvem a sociedade. De acordo com a concepção de Robert Stam (2005) a respeito:

Deve-se procurar não apenas pelo “efeito psicológico” que manipula as pessoas, em cumplicidade com as relações sociais existentes, mas também pelo núcleo da fantasia utópica que se alcança para além dessas relações, por intermédio das quais o próprio meio se constitui como uma espécie de preenchimento projetado daquilo que é desejado e daquilo que falta no *status quo*. (p. 223).

Ao vermos um filme, há a possibilidade de identificação quase imediata com personagens muitas vezes mostrados sob a forma de heróis, exaltados e apreciados por famílias inteiras, mas de índole e caráter duvidosos. No cinema facilmente digerimos personalidades inescrupulosas, que são mostradas como heróis. Assistimos, de forma passiva a versão dada por *Hollywood* para a inversão de valores e devidamente legitimada pelo espectador. Novamente, de acordo com Stam (2005, p.223), “sintomaticamente, até heróis imperialistas, como Indiana Jones e Rambo, são apresentados não como opressores,

mas como libertadores de pessoas oprimidas”.

Na realidade, *Hollywood* alicerçou-se sobre narrativas lineares, calcadas, sobretudo em histórias de oposição entre heróis e vilões, batalhas travadas entre o bem e o mal em que, na maioria das vezes, o herói é concebido sob os padrões culturais da sociedade norte-americana. Em diversas ocasiões, por exemplo, a cultura latina é tratada de forma pejorativa, preconceituosa e estereotipada. Ficam estabelecidas relações de poder onde os latinos exercem, na melhor das hipóteses, papéis menores, de pouca ou nenhuma relevância. Frequentemente as atrizes de origem latina interpretam papéis de empregadas domésticas caricatas, cujos costumes são mostrados de maneira grotesca, motivando especulações e chacotas em torno de suas tradições. Para R. Martins(2007):

O papel que as imagens desempenham na cultura e nas instituições culturais não é o de refletir a realidade ou torná-la mais real, mas de articular e colocar em cena a diversidade de sentidos e significados. Embora indivíduos de um mesmo grupo ou comunidade convivam com as mesmas imagens, cada um as vive e interpreta de maneira diferente, distinta, criando brechas e espaços de diversidade. O problema é que grupos hegemônicos aspiram impor e autorizar suas interpretações, seu nível de verdade, restringendo os outros a aceitar esta interpretação ou a lutar para libertar as imagens do humo imobilizador do habitus acadêmico ou mercadológico.(p. 5).

Por conseguinte, tais concepções tornam ainda mais clara a dissociação de classes por trás da questão cultural, onde a cultura dominante não intervém somente no roteiro/enredo dos filmes, mas também nos induz a encarar sua versão a respeito da sociedade como uma verdade indubitável. A questão cultural, neste caso, poderia ser desenvolvida sob as concepções de Laraia (2004), em que segundo ele

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. (...) O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a

própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão.(p. 72-73).

É importante ressaltar que não se pretende, ao levantar tais questões, travar uma guerra contra a cultura norte-americana, mas sim, buscar refletir e problematizar temas freqüentemente utilizados pela mais bem sucedida indústria cinematográfica do mundo e que, no entanto tornam-se banais e corriqueiros frente aos espectadores. Desta forma faz-se imprescindível a educação do olhar, a compreensão crítica, a educação por meio do Ensino das Artes Visuais.

Fez-se pertinente, portanto, durante a problematização do tema na monografia e no período correspondente ao estágio curricular supervisionado, propor aos educandos do Ensino Médio, um cinema distinto àquele mencionado anteriormente (o *Hollywoodiano*). Sendo considerado bastante favorável instigá-los para os tipos de representações que fugissem dos filmes comerciais, de maior penetração pela mídia (LEITE, p.107), e que mostrassem diferentes e menos óbvias, versões para os temas comuns a todo indivíduo (independente da sua cultura, país de origem) como família, economia, política e religião, entre outros. Sobre este aspecto podemos utilizar Martin-Barbero (*apud* R. Martins,2007, p. 22), que nos fala do “enriquecimento perceptivo que o cinema traz ao permitir-nos ver não tanto coisas novas, mas outra maneira de ver coisas velhas e até da mais sórdida cotidianidade”.

Um olhar para o cinema produzido por outras culturas (cujo acesso ainda faz-se restrito nas salas de cinema, vídeo-locadoras, e na própria televisão), apresentaria aos educandos novas formas de ver, de se relacionar e dialogar, bem como diferentes concepções de vida e mundo, fazendo-os conhecer e despertar para realidades distintas. Além disso, através de filmes de diferentes nacionalidades, questões quanto à natureza da arte seriam suscitadas, como, por exemplo, suas manifestações nas diferentes épocas e culturas, ocasionando uma descentralização da idéia da arte produzida apenas na Europa, como os livros de história insistem em mostrar.

É possível deste modo proporcionarmos ao educando um contexto de maior clareza, entendimento e menos mistificação,

em que ele possa ser um indivíduo ativo frente à construção de seu conhecimento, podendo estar consciente de seu papel enquanto cidadão que interage e participa das decisões tomadas na sociedade. Para R. Martins (2007) através das imagens

Sentidos e significados podem ser gerados, agregados e transformados por movimentos, tendências ou contaminações entre sistemas imagéticos e/ou períodos históricos. Reapropriações são práticas comuns na cena contemporânea. Esses movimentos e contaminações são saudáveis porque possibilitam diálogos e diversidade – colagens, silêncios, interferências -, produzem novas imagens e influenciam imaginários sociais e subjetividades individuais.(p.3).

Conseqüentemente, através do ensino das artes visuais poderíamos perfeitamente estabelecer paralelos entre filmes e obras de arte. Além disso, deste modo, poder-se-ia mostrar aos educandos que a arte, em muitos casos ainda vista nas escolas apenas como um fazer puramente técnico e manual, está mais inserida em seus cotidianos do que podem supor, e que, além disso, pode ser estudada de maneira não superficial, mas sim problematizadora, crítica e indagadora, porém de forma tão prazerosa quanto assistir a um filme. Leite (2004, p.116), salienta que

A experiência estética exige um movimento de sair de si, mergulhar no filme e retornar a si para poder pensar criticamente sobre o visto e sobre a vida, ampliando horizontes de compreensão. Por esta razão, respeitar o gosto e a cultura de professores e crianças não é, de modo algum, sinônimo de mantê-los encarcerados em seu universo cultural eminentemente televisivo ou importado.

Sendo assim, o cinema nos propicia experiências muito próximas daquelas vivenciadas através da arte, como as relações comentadas anteriormente e ainda, é possível salientar que, do mesmo modo que a arte propõe-se a questionar o espectador, o cinema pode buscar muito mais do que um espectador que recebe e assimila as informações recebidas, enfim, mais do que entreter busca um público que desfrute das sensações propostas, mas que, sobretudo, além de absorver, reflita sobre as tantas informações contidas em seus filmes.

No entanto, antes de buscar fomentar todas estas questões junto aos educandos, é fundamental que o professor tenha claras para si tais urgências, conforme Lampert (2007, p.411), despidendo-se de suas ideologias, dispondo-se a tecer relações e estratégias sobre sua área de conhecimento de forma interdisciplinar. O professor deve sentir necessidade de ressignificar sua prática e refletir sobre suas intenções enquanto um mediador, um propositor em sala de aula, revendo e apropriando-se constantemente de novos conhecimentos.

Referências

KOFF, Rogério Ferrer. *Pensando com o Cinema: Uma Aventura Interdisciplinar*. Santa Maria FACOS/UFSM, 2002.

LAMPERT, Jociele. A moda como possível diálogo na formação docente em Artes Visuais. In ANPAP, 2007, Florianópolis, *Anais...* Salvador: ANPAP, 2007. p.409-416.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas: Papirus, 2004.

MARTINS, Alice Fátima. "Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de Artes Visuais" in OLIVEIRA, Marilda O. (Org.). *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p.111-130.

_____. "Cinema e ensino de artes visuais: questões para reflexão" in: *anais I CEAC, 2007, Santa Maria, Anais...* Santa Maria, 2007. p.1-11

MARTINS, Raimundo. "A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver" in OLIVEIRA, Marilda O. (Org.). *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p.19-40.

_____. "Temporalidades múltiplas da imagem como pedagogias da interpretação" in: *anais I CEAC, 2007, Santa Maria, Anais...* Santa Maria, 2007. p.1-12

STAN, Robert. "Teoria do Cinema: a poética e a política do pós-modernismo". in GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.). *O ps-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p.215-226.

TOURINHO, Irene. Por uma aposta na continuidade da aprendizagem estática e visual: escola, parceria institucional e compromisso social. In ANPAP, 2007, Florianópolis, *Anais...* Salvador: ANPAP, 2007. p.399-408.

ALINE NUNES DA ROSA

Professora substituta do Departamento de Artes Visuais (DAV/CAL/UFSM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CE/UFSM), linha de pesquisa Educação e Artes. Bolsista CAPES. Bacharel e Licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição. Email: ameline.nr@

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA

Professora do Programa de Pós Graduação em Educação, PPGE/CE/UFSM. Doutora em História da Arte (1995) e Mestre em Antropologia Social (1990), ambos pela Universidade de Barcelona, Espanha. Coordenadora do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, diretório CNPq. Representante na ANPAP no RS.

Email:marildaoliveira27@gmail.com